

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Oficinas como ferramentas para ensino de primeiros socorros no ensino médio

Workshops as tools for first aid education in high school

Loeste de Arruda-Barbosa

Universidade Estadual de Roraima, E-mail: loeste.arruda@gmail.com

Safi Salhah

Universidade Estadual de Roraima, E-mail: safi.salhah@gmail.com

Iara Guilhermina Vasconcelos

Universidade Estadual de Roraima, E-mail: iaraguilhermina@hotmail.com

Alberone Ferreira Gondim Sales

Universidade Estadual de Roraima, E-mail: alberonegondim@gmail.com

Márcia Cristina Sales

Universidade Estadual de Roraima, E-mail: cristina.salles@yahoo.com.br

Resumo: Objetivo: descrever a experiência de um projeto de extensão que utiliza oficinas de PS como ferramenta de educação em saúde direcionado ao ensino de PS a estudantes de ensino médio. Assim, acadêmicos de medicina desenvolveram oficinas dirigidas a estudantes de ensino médio de escolas públicas da cidade de Boa Vista, Roraima. O processo educativo foi dividido em quatro etapas: I- exposição das situações mais frequentes de PS; II- avaliação prévia dos conhecimentos dos participantes com perguntas relacionadas a situações de PS; III- exposição teórico-prática das técnicas e condutas em situações de PS; IV- avaliação da compreensão e reprodução das técnicas trabalhadas. Percebeu-se despreparo da população frente às emergências: condutas expostas, majoritariamente, basearam-se erroneamente na crença popular, sem respaldo científico. Todavia, participantes correlacionaram experiências prévias, permutaram conhecimentos e expuseram argumentos, conforme os princípios horizontais dessa intervenção teórico-prática. Houve grande interesse nas práticas, contribuindo para uma participação exitosa dos integrantes que demonstraram aprender conhecimentos confirmados após comparação dos pré e pós-testes, portando-se adequadamente diante emergências. Conclui-se que os estudantes de ensino médio trabalhados em Boa Vista carecem de noções básicas e de intervenções de ensino de PS, porém, há interesse desse público nessa temática que, quando trabalhadas com metodologias teórico-práticas horizontais e interativas, permitem que as noções básicas em PS sejam aprendidas de modo efetivo. Experiências como essa, escassas no estado de Roraima, podem contribuir como incentivos para outras universidades, principalmente no Norte do Brasil, para o desenvolvimento de projetos de extensão similares, fortalecendo, assim, o papel social das universidades.

Palavras-chave: Relações comunidade-instituição; Estudantes; Ensino fundamental e médio.

Abstract: Objective: to describe the experience of an extension project that uses FA workshops as a health education tool aimed at teaching FA to high school students. Thus, medical students developed workshops aimed at high school students from public schools in the city of Boa Vista, Roraima. The educational process was divided into four stages: I- exposure of the most frequent in FA situations; II- prior assessment of the participants' knowledge with questions related to FA situations; III- theoretical-practical exposure of techniques and behaviors in FA situations; IV- evaluation of the understanding and reproduction of the techniques worked. The population's unpreparedness in the face of emergencies was perceived: exposed behaviors, mostly, were based erroneously on popular belief, without scientific support. However, participants correlated previous experiences, exchanged knowledge and exposed arguments, according to the horizontal principles of this theoretical-practical intervention. There was great interest in the practices, contributing to a successful participation of the members who demonstrated to learn confirmed knowledge after comparing the pre and post-test, behaving properly in the face of emergencies. It is concluded that high school students working in Boa Vista lack basic notions and interventions for teaching FA, however, there is interest of this public in this theme, which when worked with horizontal and interactive theoretical-practical methodologies, allow the basics in FA are learned effectively. Experiences like this, scarce in the state of Roraima, can contribute as incentives for other universities, mainly in Northern Brazil, to develop similar extension projects, thus strengthening the social role of universities.

Keywords: Community-institutional relations; Students. Education; primary and secondary.

Recebido em: 27/05/2020

Aprovado em: 04/07/2020



INTRODUÇÃO

Atualmente, extensão é o instrumento expoente utilizado pela Universidade na efetivação de seu compromisso social. A construção do conceito de extensão tem como base persuadir a Universidade e a comunidade, proporcionando benesses e adquirindo conhecimentos para ambas e um dos focos de atividades de extensão pode ser o ensino médio, e a Universidade Estadual de Roraima (UERR) tem trabalhado nesse sentido (ARRUDA-BARBOSA et al., 2019; RODRIGRES et al., 2013).

Nesse contexto, UERR desenvolve um interessante projeto de extensão voltado ao ensino de técnicas básicas de Primeiros Socorros (PS). Segundo Ribeiro et al. (2016), PS são intervenções precoces ao acidentado, efetuadas onde ocorre a emergência para a manutenção da vida, sem agravar ou provocar lesões e, de acordo com Marques et al. (2018), no período de 2004 a 2013, lesões por causas externas (acidentes de trânsito, envenenamento, queimaduras, afogamento, choques elétricos, suicídios, quedas e homicídios) foram a principal causa de morte de 1 a 49 anos no Brasil.

Logo, conhecimentos básicos de PS podem garantir o mínimo de segurança até a chegada da equipe especializada. Ademais, condutas de intervenção empíricas podem agravar a condição da vítima antes da chegada da equipe de socorro, pelas tentativas assistenciais pela população leiga, piorando o prognóstico do paciente (PERGOLA; ARAUJO, 2008).

Embora as ocorrências de situações emergenciais sejam frequentes, verifica-se que o ensino de primeiros socorros é pouco difundido, já que a maioria das pessoas desconhece as suas noções básicas. Logo, a capacitação da comunidade em primeiros socorros, por meio da educação em saúde, é indispensável para a realização do atendimento inicial em situações de emergência (DA SILVA BERTOLDO, 2019; RAGADALI FILHO, 2015).

Considerando a educação em saúde como uma das ferramentas imprescindíveis ao profissional de saúde, ela possibilita disseminar o aprendizado e a autonomia no cuidado com a vida de forma eficaz, proporcionando desenvolvimento, aprimoramento e mudanças comportamentais que podem melhorar a qualidade de vida (XAVIER et al., 2015).

Assim, acredita-se que conhecimentos sobre PS devem ser difundidos entre a população, com o envolvimento de indivíduos das diversas faixas etárias, objetivando capacitar pessoas leigas na manutenção da vida de vítimas de agravos à saúde e acidentes (VIANA NETO et al., 2018). Acredita-se que um dos ambientes mais favoráveis para isso é a escola, dado que é um dos principais espaços formadores de opinião e direcionados ao processo de ensino-aprendizagem e sua configuração permite, além da aprendizagem teórico-prática, a formação da identidade dos estudantes.

Acrescenta-se também que o ambiente escolar é cenário para muitas situações de urgência e emergência (LIBERAL et al., 2005), logo, o ensino de PS é

primordial no auxílio do socorro imediato e efetivo da vítima. Estudos demonstram uma frequência entre 10,7 e 65,0% em que leigos prestam PS, dos quais cerca de 83,7% são executados incorretamente. Também é escasso o número de leigos com conhecimentos sobre parada cardiorrespiratória. O medo de tomar iniciativas e de executar uma ação errada é uma das maiores barreiras impeditivas para que leigos iniciem os PS a uma vítima (CALICCHIA et al., 2016; DE BUCK et al., 2015; VIANA NETO et al., 2018;).

Observou-se, em outro estudo, que apenas 34% da amostra já realizara algum tipo de treinamento de PS e, destes, a maioria, 72,5%, não se sente preparada para realizar qualquer atendimento às pessoas desacordadas (PERGOLA; ARAUJO, 2008). Diante do exposto, entende-se a necessidade do ensino de PS a leigos. Nesse sentido, o curso de medicina da UERR iniciou o desenvolvimento de um projeto de extensão que por meio de estratégias de educação em saúde, ensina noções básicas de PS para alunos do ensino médio de escolas públicas, da cidade de Boa Vista, Roraima, mas abordando também outros loci de atuação.

Acredita-se que experiências como essa, ainda escassas no estado de Roraima, podem contribuir como incentivos para outras universidades, principalmente no Norte do Brasil, a desenvolverem projetos de extensão e, por conseguinte, fortalecerem o papel social das universidades, integrando-as às comunidades (ARRUDA-BARBOSA et al., 2019).

Desse modo, esse trabalho tem como objetivo descrever a experiência de um projeto de extensão que utiliza oficinas de PS como ferramenta de educação em saúde direcionado ao ensino de PS a estudantes de ensino médio em Boa Vista – RR.

MATERIAL E MÉTODOS

Etapas do processo educativo

Tipo de estudo

Esse trabalho se configura como um relato de experiência de intervenção pedagógica em uma perspectiva qualitativa. Relatos de experiência científicos visam a descrever de modo pormenorizado vivências exitosas em uma determinada área do conhecimento que, por sua divulgação científica, podem contribuir de forma relevante para sua área de atuação, funcionando como um exemplo de sucesso de estratégias que podem ser reproduzidas em outras realidades, com as devidas adaptações aos diferentes contextos (ARRUDA-BARBOSA et al., 2019). Já o caráter qualitativo deixa claro que a abordagem desse tipo de estudo tem focos no universo microssocial e no aprofundamento dos fenômenos humanos (MINAYO, 2017)

Nesse sentido, foram desenvolvidas oficinas para o ensino de técnicas básicas de PS, abordando didaticamente a demonstração de procedimentos úteis diante emergências. Essas atividades foram realizadas por acadêmicos de medicina da UERR por meio de oficinas, sendo supervisionados por professores e

monitores do curso de medicina. Ressalta-se que os acadêmicos já possuem aprovação na disciplina de PS.

A modalidade oficina é definida como proposta de aprendizagem compartilhada que, por meio de atividade grupal, propicia aos participantes um ambiente acolhedor e aprendizagem estimulante, visando à criatividade na busca de soluções. Assim, a oficina permite o estabelecimento de um espaço de reflexão e de compartilhamento de saberes, construído em conjunto com base nas vivências singulares, possibilitando a aprendizagem dos participantes (FERREIRA et al., 2020).

Lócus das atividades

As oficinas foram conduzidas em instituições de ensino médio da cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima: Colégio Militar Estadual de Roraima, Escola Estadual Ayrton Senna da Silva, Escola Estadual Ana Libória e Escola Estadual Gonçalves Dias e na Universidade no evento de extensão: Universidade Aberta da Saúde, o qual trouxe alunos do ensino médio para conhecer os cursos da saúde da UERR (ARRUDA-BARBOSA et al., 2019).

As escolas se expressaram receptivas e animadas com o projeto, demonstrando apoio durante todo o processo, e de pronto realizando o agendamento das oficinas dentro do calendário escolar. Ademais, obteve-se apoio da UERR ao disponibilizar salas se necessárias, bonecos para simulações e materiais didáticos, para serem utilizados nos ensinamentos teórico e prático.

Em cada escola, foram trabalhadas todas as turmas de 3º ano do ensino médio dos turnos manhã e tarde (quando havia). As oficinas ocorreram entre o segundo semestre de 2018 ao segundo semestre de 2019.

Etapas do processo educativo

Os temas de todos os encontros tiveram enfoque em conceitos básicos de PS e em exemplos teórico-práticos de medidas de suporte à vida em urgências e emergências.

O processo educativo foi dividido em quatro etapas: (I) exposição das situações mais frequentes que envolvem PS; (II) avaliação prévia dos conhecimentos dos participantes com perguntas relacionadas a situações de PS; (III) exposição teórico-prática de técnicas e de condutas em situações de PS; (IV) avaliação da compreensão e reprodução das técnicas trabalhadas. Vale ressaltar que as etapas I e II ocorreram de maneira simultânea.

Os professores das escolas onde ocorreram os processos educativos permaneceram presentes no decorrer de todo o método pedagógico. Outrossim, os professores responsáveis pelos acadêmicos de medicina e pelos monitores supervisionaram as oficinas, interferindo apenas quando solicitado pelos acadêmicos.

As oficinas

As oficinas foram organizadas conforme a demanda das turmas das escolas, que variaram entre quatro e cinco turmas de 3º ano por turno, e em cada turma ficavam entre sete e seis acadêmicos de medicina como facilitadores.

Inicialmente, cada turma foi dividida em quatro ou cinco grupos de escolares e cada grupo elegeu um líder entre os educandos. Com uso de projetor multimídia, foram abordados exemplos de situações recorrentes de PS. Ao serem expostas às situações, concomitantemente se verificava o conhecimento prévio do público alvo. Isso foi feito mediante perguntas de possíveis soluções para tais situações. Dentro de 30 segundos, cada grupo debateu individualmente sobre os questionamentos, em seguida o líder expunha a conclusão discutida. As respostas, por grupo, eram anotadas na lousa. Esse momento se configurou como as etapas I e II do processo educativo.

Mediante esse processo, seria possível corrigir, posteriormente, falsas crenças e mitos em relação à temática que foram levantadas como respostas às situações problema durante a pré-avaliação e, ao mesmo tempo, introduzir informações consistentes para a correta condução das situações emergenciais.

Os assuntos abordados foram elencados nas seguintes vertentes: conceitos básicos de PS (prestador de socorros; socorrista; urgência; emergência; acidente; incidente; sinal e sintoma); número e transmissão de informação das entidades de emergência (SAMU; Polícia Militar; Corpo de Bombeiros); ferimentos; hemorragias; queimaduras; engasgo em adultos e em bebês; mordidas por animais não peçonhentos e peçonhentos; desmaios; intoxicações; afogamento; parada cardiorrespiratória; uso do desfibrilador externo automático; transporte de pessoas acidentadas.

Em cada conteúdo, após a exposição das informações, seguiram-se as demonstrações práticas, com o uso de manequins e materiais acessórios, do correto procedimento em cada situação apresentada. Assim, puderam ser ensinadas manobras como massagem de reanimação cardiopulmonar, manobra de Heimlich (utilizada em emergências de asfixia) em adultos e em bebês, contenção de sangramentos ativos, imobilização de membros após fraturas, postura de colar cervical, condutas após queimaduras e acidentes com animais peçonhentos, etc. Essa foi a etapa III.

Logo após, foram apresentados aos escolares casos clínicos cotidianos, os quais continham situações similares às situações usadas na pré-avaliação e abordadas na etapa III. Por meio desses casos, foi possível a subjetiva da percepção da compreensão das técnicas de PS trabalhadas durante as oficinas. Essa foi a etapa IV e o método usado para se abordar os casos clínicos e avaliação se deu por meio de uma roda de conversa. As discussões foram interativas com estímulos à participação de todos os escolares.

Desse modo, a experiência foi norteada por reflexões sobre as práticas cotidianas de urgências e emergências abordadas no encontro. Para finalizar, na roda de conversa as mesmas perguntas da pré-avaliação foram repetidas, *ipsis litteris*, no intuito de

verificar se as respostas iniciais se manteriam ou não. O método tradicional, de aula meramente expositiva, e com pouca troca de conhecimento, foi evitado, em contraste a uma abordagem flexível e participativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, percebeu-se que grande parte dos escolares nunca tinha se deparado com uma situação prática na qual pudessem precisar intervir com técnicas de PS. A maioria nem mesmo sabia o número telefônico do corpo de bombeiros ou SAMU.

No que se refere ao conhecimento teórico deles, identificado na pré-avaliação, eles expuseram mitos e comportamentos empíricos na condução da situação de PS que poderiam dificultar ou piorar a situação de uma vítima. A citar: aplicação de creme dental para aliviar a dor de queimaduras e romper as possíveis bolhas geradas para maior rapidez na cicatrização; colocar borra de café ou pó de tabaco em ferimentos para estancar sangramentos; inalação de álcool para uma vítima de desmaio; puxar, com o dedo, a língua de uma pessoa que está convulsionando; uma aluna relatou que apenas ficaria em pânico durante situação de engasgo de uma criança; realizar massagem cardíaca pressionando apenas o lado esquerdo do tórax; tentar distender o braço se houver fratura exposta.

Não surpreende que mitos e comportamentos empíricos como esses façam parte das crenças de alunos de ensino médio, visto que, estudos mostram que professores também creem em mitos similares e não se sentem preparados para lidar com situações que envolvam PS. (ADRIEN; ONESPHORE, 2015; GALINDO NETO et al., 2018).

Sabe-se que em muitas situações, essa falta de habilidade de lidar em casos de urgência e emergência por parte da população pode acarretar inúmeros problemas, tais como: estado de pânico ao ver o acidentado; a manipulação incorreta da vítima e, ainda, a não solicitação ou solicitação excessiva e, às vezes, desnecessária do socorro especializado em emergência, dentre outros (FIORUC et al., 2008).

Ainda em relação à intervenção, nas etapas I e II, houve a demonstração de interesse dos participantes em estarem aptos a intervirem nas mais diversas ocorrências. Nesse sentido, houve acréscimo de experiências e exposições de algumas emergências cotidianas, oriundas das vivências de alguns dos participantes, como também da crença popular. Pode-se correlacionar, portanto, os procedimentos expostos com os conhecidos pelos participantes, aproximando a intervenção da experiência dos ouvintes. Nesse caso, houve o cuidado de não desqualificar a cultura popular, mas a ela corrigir desvios que pudessem por uma vítima em risco.

Vale ressaltar que, segundo Dos Santos Martins et al. (2018), o conhecimento prévio dos participantes, mesmo que incipiente, contribui para um maior interesse pelas questões já trazidas pelos organizadores da oficina, além de despertar novas dúvidas, proporcionando um aprofundamento das mesmas, e delegando ao acadêmico o papel ativo de coparticipante.

Deve-se acrescentar que a crença em mitos e do conhecimento errôneo em primeiros socorros não pode constituir uma barreira entre o ensino e a aprendizagem, mas sim o elo do processo educativo, uma vez que é possível conduzir o caminho educacional baseado em experiências prévias e emoções intrínsecas ao cotidiano. Dito isso, a abordagem holística e inclusiva desse estudo favoreceu notoriamente a formação desse elo.

Percebeu-se o claro despreparo dos escolares com as possíveis situações de PS mais frequentes, não obstante, as condutas expostas pelos escolares se basearam erroneamente, em sua maioria, na crença popular, sem respaldo científico. Contudo, os estudantes foram capazes de correlacionar suas vivências com as exposições realizadas nas oficinas.

Durante a exposição teórico-prática de técnicas de PS, as simulações das situações nos colegas conseguiram atrair a atenção e participação dos escolares, o que foi importante para o processo de ensino-aprendizagem, pois - mediante a prática - o conhecimento é construído e internalizado de forma mais fácil e fluida, facilitando o desdobramento de habilidades e competências.

Nesse momento foi possível aos participantes, após a demonstração das técnicas corretas pelos acadêmicos, realizarem as manobras uns nos outros, sob supervisão de professores e monitores. A citar: imobilização de membros, acomodação do colar cervical, realização de torniquete, colocação de vítima de acidente em macas, entre outros. A maioria não tinha nenhuma habilidade para a realização dessas técnicas por nunca terem tido essa prática, contudo, após algumas repetições, estavam realizando as simulações com a técnica correta ou muito próxima disso.

Tal achado já foi observado na literatura por Barbosa e De Moura (2013), comprovando que o ensino prático é contribuinte importante para aprendizagens gerais, portanto, também de PS, principalmente por abrir mais espaço para o diálogo e para a técnica, além de possibilitar a troca de experiências das mais diversas, não só as listadas em nosso roteiro previamente estabelecido. Em estudo realizado por Da Silva et al. (2017), os participantes também demonstraram baixo conhecimento prático, o qual foi fortalecido de forma plena quando houve o ensino teórico-prático, em oposição ao ensino exclusivamente teórico.

Adicionalmente, a aprendizagem participativa é um método mais eficiente do que o ensino tradicional, pois a partir da utilização desses métodos inovadores, o aluno consegue assimilar conhecimentos e retê-los por um tempo maior. Assim, passam a vivenciar esse método de ensino e obtêm maior confiança quanto às decisões que precisam tomar no cenário prático, melhoram a convivência em grupo, além de se expressarem melhor oralmente, como também por escrito (BARBOSA; DE MOURA, 2013).

Outrossim, com a execução prática dos assuntos abordados, foi possível visualizar o interesse, entusiasmo e a preocupação dos escolares em estarem

executando as práticas de maneira correta, para agirem, diante dessas situações, de forma adequada.

Na etapa de avaliação, notou-se que houve incremento de conhecimento dos escolares sobre a temática de PS. Nessa etapa, foram feitas as mesmas perguntas da pré-avaliação, mas que não haviam sido comentadas, apenas anotadas no quadro branco. Percebeu-se que a maior parte das respostas mudou, de um conhecimento empírico, para uma resposta com base técnica-científica.

Essas respostas foram comentadas e contextualizadas pelos universitários durante a roda de conversa, fazendo correlações com casos clínicos de baixa complexidade que envolvessem os temas abordados, o que contribuiu uma discussão mais ampla sobre o tema e as técnicas discutidas. Desse modo, rompendo o método tradicional de uma intervenção somente expositiva e com pouca troca de conhecimento, mas sim com uma dinâmica transversal, interativa e dialogada com os estudantes.

Esse método descrito acima permite a permuta de conhecimentos e abre espaço para reflexão, criação e ação, englobando as diferentes percepções individuais que cada participante demonstra, e de acordo com suas experiências prévias e vivências pessoais/individuais (MELO et al., 2016). Assim, é possível aflorarem opiniões divergentes, possibilitando, tanto aos participantes, quanto aos interventores, a revisão ou desconstrução conjunta de certas crenças errôneas no decorrer da discussão.

É pertinente destacar que o empoderamento em primeiros socorros no contexto escolar deve transpor a transmissão de informações acerca das condutas corretas de primeiros socorros: deve contemplar a identificação dos riscos de acidentes, que perpassam a sua cinemática, os determinantes alicerçados em concepções tradicionais do senso comum, assim como questões contemporâneas como aquelas relativas à estrutura familiar, papéis sociais dos pais e as relações de poder, que são fatores que incidem na educação e no comportamento de risco dos escolares (GALINDO NETO et al., 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que essa estratégia educativa foi exitosa e cumpriu seus objetivos para o ensino de PS utilizando metodologia horizontal, dinâmica e interativa com abordagem teórico-prática voltada aos estudantes de ensino médio. Houve construção do aprendizado pelos escolares percebido pelo ganho e refino do conhecimento por meio das ferramentas metodológicas escolhidas que envolviam pré-avaliação, oficinas participativas e avaliação da aprendizagem.

Projetos como esses se tornam extremamente relevantes no contexto de pouco conhecimento da população em geral, a destacar no ambiente escolar, sobre PS. Nesse sentido, a educação em saúde junto ao ensino médio se configura como mais uma ferramenta que deve ser utilizada para a promoção de saúde de escolares que contribui para o empoderamento comunitário. Contudo, ressalta-se que estratégias como

essa, embora relevantes, foram pontuais nesse contexto, logo seria salutar o trabalho dessa temática de forma frequente, talvez, com o auxílio de profissionais da Atenção Primária, dentro do Programa Saúde na Escola.

Experiências como essas, além dos benefícios ora relatados para os escolares, também são ímpares para o desenvolvimento dos acadêmicos da área de saúde que podem praticar e desenvolver habilidades de educação em saúde de forma precoce na graduação. Sobretudo porque a educação em saúde é uma ferramenta imprescindível para o profissional de saúde utilizada para um trabalho eficiente junto à comunidade.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem às escolas públicas do estado de Roraima nas quais se realizaram as oficinas, à Universidade Estadual de Roraima - UERR - e ao Grupo de Pesquisa em Saúde e Ensino da UERR.

REFERÊNCIAS

ADRIEN, N.; ONESPHORE, H. Evaluation of first aid knowledge among elementary school teacher in Burundi. **International Journal of Sports Sciences & Fitness**, v. 5, n. 2, 2015.

<http://www.ijssf.org/PDF/v05issue02abs13.pdf>

ARRUDA-BARBOSA, L. D.; SALES, M. C.; SOUZA, I. L. L. D.; GONDIM-SALES, A. F.; SILVA, G. C. N. D.; DE LIMA-JÚNIOR, M. M. Extensão como ferramenta de aproximação da universidade com o ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 174, p. 316-327, 2019.

<https://dx.doi.org/10.1590/198053146465>.

BARBOSA, E. F.; DE MOURA, D. G. Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. **Boletim Técnico do Senac**, v. 39, n. 2, p. 48-67, 2013.

<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/349>.

CALICCHIA, S.; CANGIANO, G.; CAPANNA, S.; DE ROSA, M.; PAPALEO, B. Teaching life-saving manoeuvres in primary school. **BioMed research international**, v. 2016, 2016.

<https://www.hindawi.com/journals/bmri/2016/2647235/>.

DA SILVA BERTOLDO, C.; WICKERT, D. C.; MACIEL, V. D. Q. S.; PICCIN, C.; SILVA, J. L.; MUNHOZ, O. L.; SCHIMITH, M. D. Noções básicas de primeiros socorros: relato de experiência de um projeto de extensão rural. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 32, 2019.

<http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2019.8255>.

DA SILVA, L. G. S.; DA COSTA, J. B.; FURTADO, L. G. S.; TAVARES, J. B.; COSTA, J. L. D. Primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar: intervenção em unidade de ensino. **Enfermagem em**

Foco, v. 8, n. 3, p. 25-29, 2017.

<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2017.v8.n3.893>

DE BUCK, E.; VAN REMOORTEL, H.; DIELTJENS, T.; VERSTRAETEN, H.; CLARYSSE, M.; MOENS, O.; VANDEKERCKHOVE, P. Evidence-based educational pathway for the integration of first aid training in school curricula. **Resuscitation**, v. 94, p. 8-22, 2015.

<https://doi.org/10.1016/j.resuscitation.2015.06.008>.

DOS SANTOS MARTINS, A.; DE ARAUJO CAPPELLI, K.; DE JONGE, A. L.; AZEVEDO, M. W.; DOS SANTOS, H. M.; GOMES, T. M.; BRAGA, C. P. F.; FREITAS, J. B.; FERREIRA, M. C.; DA SILVA, L. J. Oficinas de primeiros socorros em crianças com profissionais da educação: um relato de experiência. **RAÍZES E RUMOS**, v. 6, n. 1, p. 87-95, 2018.

<http://seer.unirio.br/index.php/raizeserumos/articlw/7695>.

FERREIRA, H. M. C.; COUTO JR, D. R.; OSWALD, M. L. M. B. As oficinas como locus de encontro com o outro: uma abordagem histórico-cultural. **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa**. Rio de Janeiro: UERJ/SBC, 2020. cap.9, p.1-22. <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3>

FIORUC, B. E.; MOLINA, A. C.; JUNIOR, W. V.; LIMA, S. A. M. Educação em saúde: abordando primeiros socorros em escolas públicas no interior de São Paulo. **Revista eletrônica de enfermagem**, v. 10, n. 3, 2008. <https://doi.org/10.5216/ree.v10.46619>.

GALINDO NETO, N. M.; CARVALHO, G. C. N.; CASTRO, R. C. M. B.; CAETANO, J. Á.; SANTOS, E. C. B. D.; SILVA, T. M. D.; VASCONCELOS, E. M. R. D. Vivências de professores acerca dos primeiros socorros na escola. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1678-1684, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0715>

LIBERAL, E. F.; AIRES, R. T.; AIRES, M. T.; OSÓRIO, A. C. D. A. Escola segura. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. s155-s163, 2005. <https://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700005>.

MARQUES, S. H. B.; SOUZA, A. C. D.; VAZ, A. A.; PELEGRINI, A. H. W.; LINCH, G. F. D. C. Mortalidade por causas externas no Brasil de 2004 a 2013. **Rev. baiana saúde pública**, v. 41, n. 2, p. 394-409, 2018. <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2017.v41.n2.a2368>

MELO, R. H. V. D.; FELIPE, M. C. P.; CUNHA, A. T. R. D.; VILAR, R. L. A. D.; PEREIRA, E. J. D. S.;

CARNEIRO, N. E. A.; FREITAS, N. G. H. B.; DINIZ JÚNIOR, J. Roda de conversa: uma articulação solidária entre ensino, serviço e comunidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 2, p. 301-309, 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01692014>.

MINAYO, M. C. S. Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 1 p. 16-17, 2017. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017221.30302016>

PERGOLA, A. M.; ARAUJO, I. E. M. O leigo em situação de emergência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 4, p. 769-776, 2008. <https://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342008000400021>.

RAGADALI FILHO, A.; PEREIRA, N. A.; LEAL, I.; DOS ANJOS, Q. D. S.; LOOSE, J. T. T. A importância do treinamento de primeiros socorros no trabalho. **Revista Saberes, Faculdade São Paulo**, v. 3, n. 2, p. 114-125, 2015. <https://facsapaulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/ed3/10.pdf>.

RIBEIRO, G. C.; LIMA, H. D. F.; RODRIGUES, R. M.; LIMA, S. M. D.; ARAÚJO, C. C. D. Avaliando o nível de conhecimento em primeiros socorros dos acadêmicos de enfermagem em um centro universitário do sertão central. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, v. 2, n. 2, 2017. <http://201.20.115.105/home/bitstream/123456789/586/1/1145-3176-1-PB.pdf>.

RODRIGUES, A. L. L.; DO AMARAL COSTA, C. L. N.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; NETO, I. D. F. P. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013. <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/494/254>.

VIANA NETO, H.; DE SOUZA DOS SANTOS, J. J.; GURGEL SARMENTO, S. D.; NEVES DANTAS, R. A.; VIEIRA DANTAS, D. Estratégias de ensino de primeiros socorros a leigos: revisão integrativa. **International Journal of Gender, Science & Technology**, v. 11, n. 3-4, 2017. <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/download/2678/2397>

XAVIER, S. Q.; CEOLIN, T.; ECHEVARRÍA-GUANILO, M. E.; DA COSTA MENDIETA, M. Grupos de educação em saúde: aproximação da população masculina à unidade básica de saúde. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 2, p. 2372-2382, 2015. <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750946016.pdf>.